

“Não é preciso ser um Quarto – para ser Assombrado”: espectralidades, (in)hospitalidades e estranhas familiaridades entre Desconstrução e Psicanálise

Diogo Bogéa¹¹⁹

Resumo

A partir de uma poesia de Emily Dickinson articulamos as noções derridianas de espectralidade e hospitalidade a conceitos psicanalíticos como inconsciente, pulsão e recalque para pensar o *unheimlich* (o estranho-familiar). Tentaremos explorar ao longo do artigo aquele que nos parece ser um dos mais importantes legados de Derrida e Freud: uma experiência abissal de estranhamento, não apenas em relação a todo “outro”, mas principalmente em relação a “si mesmo” enquanto outro.

Palavras-chave: espectralidade; hospitalidade; estranho-familiar; desconstrução; psicanálise

Abstract

From a poem by Emily Dickinson, we articulate Derridean notions of spectrality and hospitality with psychoanalytic concepts such as the unconscious, drive, and repression to think about the *unheimlich* (the uncanny). Throughout the article, we will attempt to explore what seems to us one of the most important legacies of Derrida and Freud: an abyssal experience of estrangement, not only in relation to every “other”, but especially in relation to “oneself” as an other.

Keywords: spectrality; hospitality; uncanny; psychoanalysis; deconstruction.

1. Considerações Iniciais

Não é preciso ser um Quarto – para ser Assombrado –
Não é preciso ser uma Casa –
O Cérebro – tem Corredores que ultrapassam
Lugares Materiais –

Muito mais seguro, numa Madrugada – encontrar
um Fantasma Exterior –
Do que – confrontar – um Interior –
Esse Anfitrião – mais frio –

Muito mais seguro, através de uma Abadia – galopar –
As Pedras em fuga –
Do que Desarmado – encontrar Consigo Mesmo
Num Ermo solitário –

Nosso-Eu-mesmo – atrás do nosso-Eu-mesmo – escondido –
Deveria assustar muito mais –
Assassino escondido em Nossos Aposentos
Seria dos Horrores o menor –

O Corpo – apanha um Revolver –
Ele tranca a Porta,
Desconsiderando um espectro superior

¹¹⁹ Professor Adjunto de Filosofia e Psicanálise na Faculdade de Educação da UERJ. Professor Pesquisador do ProPED UERJ. Doutor e Mestre em Filosofia pela PUC-Rio. Graduado em História pela UERJ-FFP.

Esta já seria uma poesia extraordinária se a soubéssemos escrita por um contemporâneo leitor de Freud e Derrida. Estranhamento condensado em versos sem parâmetros rígidos de métrica e com pouca rima, a trama de um “eu”(-lírico) assombrado por um Outro espectral – ou mais – nos conduz aos mais famosos textos do cânone psicanalítico e às instigantes espectralidades da *hantologie* derridiana. O assombro, no entanto, se torna ainda maior quando consideramos que estamos diante da obra de uma mulher falecida dez anos antes da publicação do primeiro texto dito psicanalítico e nascida exatos cem anos antes de Jacques Derrida.

Emily Dickinson, como sua poesia indica, foi experimentada nas ambivalências da (in)hospitalidade: desde muito cedo encarregada das tarefas domésticas até abrir mão mesmo delas para se manter refugiada em seu quarto, foi Anfitriã e Hóspede, senhora e não-senhora de sua própria casa – que sempre foi também a casa de seu severo pai, de sua adoentada mãe e depois de seu privilegiado irmão mais velho. Anfitriã amável que cultivava o singelo hábito de receber seus convivas com flores, podia igualmente atormentá-los com o excesso ou a ausência de palavras, com o excesso ou a ausência de presença.

Versada também nas artes da espectralidade, era açoitada por fantasmas no quarto em que, anfitriã-hóspede, se sentia à vontade com seus tormentos. Daneen Wardrop relembra uma curiosa carta em que

Dickinson escreve para suas primas (...), desculpando-se por cancelar uma visita. Ela conta que teme um tipo de bicho-papão, um medo que a obriga a manter as janelas fechadas mesmo em clima quente: “As noites ficaram quentes quando Vinnie se foi, e eu não podia deixar nenhuma janela aberta por medo de um 'bicho-papão' à espreita, e precisava fechar minha porta com receio de que a porta da frente se abrisse para mim no 'meio da noite,' e tinha que deixar o 'gás' aceso para iluminar o perigo, para que eu pudesse distingui-lo – tudo isso me deu um nó no cérebro que ainda não se desfez, e aquele velho prego em meu peito me espetou; essas, querida, foram minhas razões”¹²¹. (WARDROP, 1996, p. 25)

Como bem ressalta Wardrop, “curiosamente, a ‘razão’ que ela menciona é a razão para não fazer a visita. Pode nos parecer estranho que ela inventasse uma desculpa para ficar em casa em companhia dos medos que descreve” (WARDROP, 1996, p. 25). Com o tempo, foi assumindo ela mesma cada vez mais uma existência espectral. Sempre de branco, trancada em seu quarto,

¹²⁰ Poesia de Emily Dickinson. No original: One need not be a Chamber – to be Haunted – One need not be a House – The Brain has Corridors – surpassing / Material Place – Far safer, of a Midnight Meeting External Ghost Than its interior Confronting – That Cooler Host. / Far safer, through an Abbey gallop, The Stones a’chase – Than Unarmed, one’s a’self encounter – In lonesome Place – / Ourself behind ourself, concealed – Should startle most – Assassin hid in our Apartment Be Horror’s least. / The Body – borrows a Revolver – He bolts the Door – O’erlooking a superior spectre – Or More –. Embora existam boas traduções para o português, sentimos necessidade de elaborar uma tradução que preservasse justamente a estranheza da forma, da métrica, das letras maiúsculas e dos travessões.

¹²¹ As citações de Wardrop, Martin, Vendler e Bensusan foram traduzidas por mim.

recusando todo contato com o mundo externo, foi-se tornando ela própria um espectro a assombrar sua própria casa, seus familiares, sua cidade.

Outra carta ao amigo Thomas Higginson diz: “A Natureza é uma casa mal-assombrada, mas a Arte é uma Casa que tenta ser mal-assombrada” (WARDROP, 1996, p. 01). Natureza, casa, arte – *physis, oikos, techné, poiesis*: todas as dimensões são assombradas. Não há escapatória. É preciso aprender a nunca estar em casa ou a sempre estar em casa em meio aos espectros. Em seu quarto mal-assombrado (por ela, pelos outros, pelos outros nela mesma?) a escrita se faz para ela exílio e refúgio, prisão e libertação. Numa profusão de cartas e poesias ela prolifera maneiras de se relacionar com os outros e consigo – com os muitos outros que assombram qualquer “ensimesmamento”. Nas cartas e poesias proliferam maneiras de se apropriar de si e dos outros – e de “si” como profusão de “outros”. Nas cartas e poesias proliferam maneiras de se enviar aos outros e a si mesma – e a si mesma como outra. Mas a quem se destinam essas cartas e poesias? Em primeiro lugar e acima de tudo ao *fogo*, ao outro mais radical, o apagamento, a destruição total. Ela deixa instruções explícitas à irmã Lavínia (a Vinnie): todas as suas cartas e poesias devem ser destruídas pelo fogo. Estranho desejo para aquela que desde muito cedo parecia comovida por uma pulsão de arquivamento. Ainda na escola:

Dickinson prensava e rotulava cuidadosamente cada caule, flor e folha, anotando a classe e a ordem. Ela coletava espécimes de florestas, campos e até mesmo de seu próprio jardim. (...) A coleção de mais de 400 espécimes pode também ser um precursor das coleções de poesia encadernadas à mão, conhecidas como fascículos, que Dickinson montaria na vida adulta. De fato, à medida que amadurecia, as fronteiras entre plantas e páginas tornaram-se cada vez mais tênues: ela escrevia poemas sobre flores, envolvia flores em poemas e observava e cultivava palavras e plantas com o mesmo cuidado. (MARTIN, 2007, p. 6-7)

Sua escrita se destina ao outro. Ao fogo. Mas antes do fogo, ainda um outro, a irmã. É a irmã que deve destruir sua obra. É a irmã que deve apagar seu nome devidamente assinado nos mais de 1.700 poemas – e tantas cartas mais – que Dickinson deixa como legado. Depois dos três poemas que publica em vida, nada mais deve ser publicado. A publicação é decepcionante. O outro não compreende, não vê. O público pré-determina e teleguia a forma do envio – logo, da escrita. Os editores interferem na forma, no conteúdo, alteram palavras e tudo a irrita profundamente (MARTIN, 2007, p. 114-115).

O uso idiossincrático de Dickinson de letras maiúsculas, rimas e pontuação pode parecer caprichoso ou não intencional para os leitores modernos. No entanto, sua indignação diante de mudanças relativamente pequenas (...) demonstra que até mesmo marcas simples na página eram escolhas estéticas importantes, deliberadas e cuidadosamente feitas por Dickinson. (MARTIN, 2007, p. 115).

As palavras não são só palavras, as letras não são só letras. Está em jogo ali a expressão de experiências diversas de ritmo e de temporalidade. Um ritmo e uma temporalidade que não cabem no plano cartesiano, que nada têm a ver com o universal abstrato newtoniano ou com o universal apriorístico kantiano. Trata-se de uma experiência singular do ritmo e do tempo. Para Helen Vendler, o cerne do pensamento que se expressa na obra de Dickinson é que:

A invenção de (...) estruturas temporais poéticas imita a estrutura da vida conforme ela a concebe em qualquer momento. (...) Acredito que há algo a ser dito sobre seu pensamento enquanto ela inventa formas de traçar a temporalidade. (VENDLER, 2004, p. 64)

Nada mais deve ser publicado. Tudo deve ser cuidadosamente arquivado para o além. Salvos do fogo pelas mãos do outro, os textos de Dickinson chegam até nós. Lavínia não destrói a obra da irmã, não apaga seu nome. Seria um último ato de devoção ou um ato de eterna vingança? É possível decidir? Dickinson deve ser paga por sua dedicação à escrita. Dickinson deve pagar pela sua dedicação à escrita. Quem sabe possa finalmente pagar as contas da casa – que não param de chegar às mãos de Lavínia. Sua primeira editora – será possível dizer algo mais sobre as ambiguidades do *tradere*? – foi a amante do seu irmão, que tanto desgosto provocava à cunhada de Dickinson – a “querida Sue” de seus tantos versos. Desde então, pelas mãos, línguas, olhos e ouvidos de muitos outros a última vontade de Dickinson jamais será realizada: ela será infinitamente publicada e republicada, frequentará as cabeças e os diários dos atormentados, os corações e os bilhetes dos amantes, os infinitos comentários e contra-comentários acadêmicos. Seu legado será interminável, como a devoção – ou a vingança? – de Vinnie.

Agora, a partir do poema de Emily Dickinson vamos explorar aquele que, segundo cremos, é o maior dos legados de Derrida e Freud para nós: a experiência de ser *estranho* – em si mesmo, a si mesmo, para si mesmo, consigo mesmo. Para tanto, traremos em nosso auxílio as noções derridianas de *espectralidade* e *hospitalidade* em articulação com o *inconsciente* freudiano.

2. Espectralidades

Como bem lembra Dirce Solis em seu *Jacques Derrida e a frequência dos espectros*, em 1983 Derrida participou do filme independente *Ghost Dance*. Derrida aparece no filme “como um fantasma a falar da fantasmalidade em vários momentos. Convidado a participar, Derrida, ao encarnar eu próprio papel, coloca-se na posição de um fantasma que fala em seu

lugar, tal como um ventríloquo” (SOLIS, 2014, p. 89). Em suas aparições, Derrida ressalta a íntima conexão entre cinema, psicanálise e a fantasmalidade: “Creio que cinema mais psicanálise é igual a ciência dos fantasmas”, “A senhora sabe, Freud durante toda sua vida teve que lidar com fantasmas” (DERRIDA, ap. SOLIS, 2014, p. 89).

Freud escolheu lidar com as mais estranhas dimensões: o sonho, o ato falho, a loucura. Dimensões tornadas estranhas e sistematicamente marginalizadas pelo projeto ocidental de racionalização da existência. Projeto sempre assombrado pelos Outros “retornantes” desse reino sem rei e sem terras que Freud chamará de *Inconsciente*. Talvez por isso mesmo Derrida tenha dedicado tantas páginas ao “pai” da psicanálise – inclusive para colocar em questão essa problemática posição de paternidade com as heranças e legados que envolve.

“Não é preciso ser um Quarto – para ser Assombrado – Não é preciso ser uma Casa – O Cérebro – tem Corredores que ultrapassam Lugares Materiais –”, diria Freud. O inconsciente freudiano, apesar de todas as “tópicas” não se caracteriza mais pelo “lugar”. Não se trata de nenhum “cômodo” da casa – talvez (mas nem mesmo) o porão. Nem se trata de uma simples “cômoda” com conteúdos “inconscientes” bem guardados em suas gavetas à espera de um “dono”, seu dono, que indo e vindo a seu bel-prazer, pode abrir e fechar gavetas, tirar ou guardar conteúdos como bem entende. Não é mais do entendimento, da razão ou do intelecto de um “eu-consciente” que se trata, nem dos conteúdos que ele guarda em seu arquivo e que lá ficam à sua disposição.

O grande diferencial do inconsciente freudiano é ser justamente um *incômodo* movimento. Podemos chamá-lo *desejo*. Freud escolheu o termo *pulsão*. *Trieb*. Como nos conta Luiz Hanns em seu *Dicionário comentado do alemão de Freud*, *Trieb* se refere a “algo que ‘propulsiona’, ‘agulha’, ‘toca para a frente’, ‘não deixa parar’, ‘empurra’, ‘coloca em movimento’. *Trieb* evoca a ideia de ‘força poderosa e irresistível que impele” (HANNNS, 1996, p. 339). *Trieb*, não *instinkt*. Pulsão, não instinto. Força desejante transbordante e não programa instintual que coloca o vivo nos eixos, que ensina o vivo a viver.

Na mais didática apresentação do conceito de pulsão, em *As pulsões e seus destinos*, Freud começa por dizer que a pulsão “nos aparece” como um conceito “fronteiriço entre o anímico e o somático” (FREUD, 2014, p. 32). Sem casa própria, sem cômodo próprio, pulsão é movimento que se passa “entre”, como um corredor entre cômodos. O Cérebro tem corredores que ultrapassam os Lugares Materiais. Como Diotima já dizia de *Eros*, esse *daimon* – spectral? – que, sempre desabrigado, vive “nos caminhos”, entre pobreza e recurso, entre imortal e mortal, entre deuses e homens. (PLATÃO, 1979, p. 34-35). Entre o somático e o psíquico e

pulsão assume uma insistência espectral: “Difícil de nomear, o espectro não é nem alma nem corpo, mas, ao mesmo tempo, diríamos, alma-corpo” (SOLIS, 2014, p. 90).

“Cinema mais psicanálise é igual a ciência dos fantasmas”, diz Derrida. Curiosos contemporâneos, cinema e psicanálise. Em 1895, os irmãos Lumière exibem a primeira sessão cinematográfica para uma plateia. 50 segundos de um trem que chega à Estação de *La Ciotat*. A plateia, atônita, diz a lenda, levanta-se aterrorizada. O trem ausente se faz presente. A tela em branco reafirma seus poderes de mediação – ou mediunidade tecnológica – entre tantos “aquis” e tantos “aléns”. No mesmo ano Freud publica os *Estudos sobre histeria*, o primeiro texto propriamente psicanalítico. Ao mesmo tempo escreve longas cartas para Fliess sobre o conceito de *projeção*. Diante de um conflito que se torna insuportável, algum trecho de fantasia pulsional se projeta em outro e passa-se a crer que ela está realmente lá, no outro, e que vem do outro em direção a nós. Como a projeção cinematográfica que, mesmo tantos anos – e filmes – depois, a partir de um feixe luminoso que parte de trás da nossa visada consciente nos fará crer que a cena projetada na tela está realmente se desenrolando “lá”, num qualquer “além” hiper-real (que, enquanto dura o transe, nos comove com intensidade maior do que a dita “realidade” circunstante).

A pulsão é inseparável da fantasia. É a lógica do fantasma, como diria Lacan. \$ ◇ a.

O S barrado representa, sustenta nessa fórmula o lugar do que ele reenvia, concernente à divisão do sujeito, que se encontra no princípio de toda a descoberta freudiana e que consiste nisso: que o sujeito é, por um lado, barrado daquilo que o constitui propriamente, enquanto função do inconsciente. Essa fórmula estabelece alguma coisa que é uma ligação, uma conexão entre esse sujeito enquanto assim constituído e alguma coisa outra que se chama de *pequeno a*. (LACAN, 2008, p. 12)

O pequeno objeto *a* desde sempre perdido, irremediavelmente perdido. A falta no *imaginário* esburacado em torno da qual se fará proliferar uma profusão de significâncias simbólicas comovidas pelo desejo e pela fantasia de preenchimento, realização, completude, identidade, reencontro do objeto fundamentalmente perdido. O *real* falta. Lidamos com fantasmas. Sobre a tela do real projetam-se fantasias simbólicas que embalam [envolvem, ninam, protegem, movem, revestem, apertam, constroem, arriscam] nosso ser.

Sobre a tela do Impossível, a pulsão projeta fantasias de gozo absoluto. Para além da fantasia – que real?

O espectro é também, entre outras coisas, O que se imagina, o que se acredita ver e que é projetado: sobre uma tela imaginária, aí onde não há nada para se ver. Nem mesmo a tela, às vezes, e uma tela sempre tem, no fundo, no fundo que ela é, uma estrutura de aparecimento-desaparecimento (DERRIDA, 1994, p. 138).

Desejo de Impossível, a pulsão projeta alucinatoriamente sobre a tela do impossível as cenas das fantasias que a co-movem. Assim, a pulsão se inscreve também entre imanência e transcendência. Nas palavras de MD Magno, a pulsão:

não pode não ter o seu movimento de transcendentação. Ela exige o Impossível. Para ela, ‘lá fora’, que não há, há algo, que não há. Já que não há, ela chafurda na imanência novamente. Não há nada fora da imanência – esta frase não faz sentido, pois há menos que Nada fora da imanência: o não-Haver, mesmo não havendo, por nossa estrutura (...) operar a exigência dessa última instância, não podemos abrir mão do Impossível. Não precisamos mais brigar contra imanências e transcendências. Nossa vida chafurda na imanência, mas não damos nenhum passo sem a vontade de transcendência, ainda que, o transcendente, de modo algum ele exista. O transcendente não existe, mas algo transcende o momento da nossa imanência: um Tesão, um empuxo. (MAGNO, 2004, p. 48)

Estranha contemporaneidade esta entre psicanálise e cinema: artes que, colocando em cena a ciência do fantasma, inviabilizarão desde então qualquer possibilidade de “contemporaneidade”.

Se há alguma coisa como a espectralidade, há razões para duvidar dessa ordem tranquilizadora dos presentes, e sobretudo da fronteira entre o presente, a realidade atual ou presente do presente e tudo o que se lhe pode opor: a ausência, a não-presença, a inefetividade, a inaturalidade, a virtualidade ou mesmo o simulacro em geral etc. Há primeiramente que duvidar da contemporaneidade a si do presente. Antes de saber se se pode fazer a diferença entre o espectro do passado e o do futuro, do presente passado e do presente futuro, é preciso, talvez, se perguntar se o efeito de espectralidade não consiste em frustrar essa oposição, até mesmo essa dialética, entre a presença efetiva e seu outro. (DERRIDA, 1994, p. 60)

Psicanálise e Cinema, rabiscando as supostas fronteiras que o ocidente quis traçar entre presença e ausência, revelarão a experiência de um tempo destinado a permanecer irremediavelmente *out of joint*:

Manter junto o que não se mantém junto, e o disparate mesmo. O mesmo disparate, isso não se pode pensar, voltaremos incessantemente a referir-nos a isso como à espectralidade do espectro. senão em um tempo do presente deslocado, na junção de um tempo radicalmente dis-junto, sem conjunção assegurada. Não em um tempo de junções negadas, quebradas, maltratadas, disfuncionantes, desajustadas, segundo um dis de oposição negativa e de disjunção dialética, mas em um tempo sem junção assegurada nem conjunção determinável. O que se diz aqui do tempo é válido também, por conseguinte, ou por isso mesmo, para a história, mesmo se esta última pode consistir em consertar, nos efeitos de conjuntura, e se trata aqui do mundo, a disjunção temporal: “*The time is out of joint*”, o tempo está desarticulado, demitido, desconjuntado, deslocado, o tempo está desconcertado, consertado e desconcertado, desordenado, ao mesmo tempo desregrado e louco. O mundo está fora dos eixos, o mundo se encontra deportado, fora de si mesmo, desajustado. Diz Hamlet. (DERRIDA, 1994, p. 34-35)

A espectralidade inscreve uma – ou se inscreve na – irremediável disjunção espaço-temporal que a tradição metafísica quis conceber como Ser atualmente – ou eternamente – presente. A espectralidade torna problemática – para dizer o mínimo – qualquer (pré)suposição

de *reunião*. A espectralidade, por seu caráter disjunto, disjuntivo, não faz nenhuma comum-idade de seres racionais, nenhuma comum-idade de filhos iguais de algum pai abstrato (Deus, O Estado, A Lei, O Sentido da História)¹²². Os “envios do Ser” não fazem uma “Época” – um horizonte de sentido comumente compartilhado – nem per-fazem *uma* história única, compartilhada, apropriada dos seus envios. Há envio. Envia-se. É o jogo que Derrida procurará fazer com a inscrição da *différance* no “*Geschick des Seins*” heideggeriano: *les envois de lettres*, os “envios do ser (*l'être*)” têm mais a ver com os envios de cartas (*lettres*). Escreve-se uma carta endereçada ao outro – compreenda-se: a uma *alteridade* mais radical do que “o outro” identificado no envelope, a alteridade de tempos, espaços e vicissitudes absolutamente imprevisíveis e incontroláveis –, em função de um porvir que retoma um passado. Futuro e passado reavém nessa retomada, repetem-se nessa escritura e nesse envio e nisso compõem um presente atravessado, constituído – e destituído – pela ausência. O presente é espectral. Esses envios partem de muitos tempos e lugares não inteiramente rastreáveis – e não por nenhuma limitação dos rastreadores, mas porque o que se envia a cada vez são *rastros*: “nem presentes nem ausentes, rastros *diferem*” (DUQUE-ESTRADA, 2020, p. 25).

É pela repetição, através do jogo interminável jogo de remessas de rastros, que as coisas em geral aparecem, se configuram, se instituem, são percebidas, lembradas, pensadas, aceitas, rejeitadas, discutidas, arquivadas etc. Em sua suposta realidade – verdade, ser, presença (DUQUE-ESTRADA, 2020, p. 36).

É essa dinâmica da remessa, do envio, da postalidade que Derrida explora em toda a sua complexidade no *Cartão Postal de Sócrates a Freud e além*. Derrida desloca a ênfase da formulação heideggeriana de *Ser* para *envio*. Há envio. Envia-se.

Se o correio (técnica, posição, “metafísica”) se anuncia no “primeiro” envio, então, não há mais A metafísica etc. (eu tentarei dizer isso mais uma vez e de outro modo) nem mesmo O envio, mas envios sem destinação. Pois ordenar as diferentes épocas, escalas, determinações, enfim, toda a história do ser, a uma determinação do ser, consiste talvez no engodo postal mais estranho. Não há nem mesmo o correio ou o envio, há correios e envios. E este movimento (que me parece ao mesmo tempo muito distante e muito próximo do de Heidegger, mas pouco importa) evita afundar todas as diferenças, mutações, escansões, estruturas dos regimes postais num único e mesmo grande correio central. Enfim (é o que gostaria de articular mais rigorosamente se um dia escrever isso de uma outra forma), desde que há, há diferença (e isso não espera a linguagem, sobretudo a linguagem humana, e a língua do ser, apenas a marca e o traço divisível), e há agenciamento postal, etapas, atraso, antecipação, destinação, dispositivo telecomunicante, possibilidade e, portanto, necessidade fatal de desvio etc. Há estrofe (há estrofe em todos os sentidos, apóstrofe e catástrofe, endereço para dirigir o endereço [sempre em direção a você, meu amor], e meu cartão-postal são estrofes). Mas, com essa precisão, nos damos a possibilidade de não assimilarmos

¹²² Excetua-se aqui o projeto magnífico de Fabián Ludueña Romandini, que em cinco volumes procura pensar “A Comunidade dos Espectros” para além de qualquer comum-idade.

nada das diferenças, da diferenciação (técnica, ecopolítica, fantasmática etc.) dos poderes telecomunicativos. (DERRIDA, 2007, p. 77-78)

As pulsões, como os correios – mesmo os eletrônicos, sobretudo os eletrônicos – complicam infinitamente toda a dinâmica do cálculo. Entre *princípio de prazer* e *princípio de realidade* o que se passa? A (im)possibilidade do cálculo. Um cálculo de “mais prazer” e “menos desprazer” (des)orientado em direção à fantasia de um gozo incalculável, um gozo absoluto. A fantasia – o fantasma – torna impossível todo cálculo puramente objetivo, puramente utilitário, ou puramente comprometido com um qualquer “princípio”, ainda que com as melhores intenções se procure situar esse princípio ao lado do bem, da justiça e da verdade. A lógica-ilógica da fantasia imediatamente se reapropria de todo cálculo que queira contar com um princípio absoluto – querer contar com um princípio absoluto é, aliás, a mais comum das fantasias. O puro prazer de um gozo absoluto sem nenhum cálculo – finalmente livre da máquina calculadora – ou o puro cálculo de um prazer tão calculado que se adequa inteiramente à “realidade” seriam *a morte*:

O prazer puro e a realidade pura são limites ideais, o que é o mesmo que dizer ficções. Destrutivos e mortais, tanto um quanto o outro. Entre os dois o desvio que difere forma então a efetividade mesma do processo, do processo “psíquico” como processo “vivente”. Logo, tal “efetividade” nunca é apresentada ou dada. Ela “é” o que nunca se dá presentemente ou é dado do dom. Há (*es gibt*) – isso dá, a *différance*. (...) Os três termos – dois princípios mais ou menos a *différance* – fazem deles apenas um, o mesmo dividido, pois o segundo princípio (de realidade) e a *différance* são apenas “efeitos” do princípio do prazer modificável. Mas por qualquer *termo* que se tome essa estrutura de um-dois-termos, trata-se da morte. No *fim*, e nada pode se opor a essa morte, ela não é diferente, no sentido de oposição, dos dois princípios e de sua *différance*. Ela está inscrita, embora não seja inscritevel, no processo dessa estrutura – diremos mais adiante *écriture*. Se nada pode se opor à morte, ela é, desde já, *a vida a morte*. (DERRIDA, 2007, p. 315)

É essa mortiferocidade inscrita no cerne da dinâmica psíquica que se anuncia a Freud em 1920. Além do *princípio do prazer* a *compulsão à repetição*. Além da compulsão à repetição a *pulsão de morte*. É que o vivo quer retornar à quietude do não-vivo. O orgânico quer voltar à paz do inorgânico, “*o objetivo de toda vida é a morte*” (FREUD, 2010, p. 149). “*Princípio de Nirvana*”, Freud diz – em expressão emprestada de Bárbara Low. Mortiferocidade pulsional. Desejar o gozo absoluto – e o que mais se poderia desejar? – é desejar a morte. A morte da pulsão enquanto inquietação desejante e sua explosão na conversão total em gozo – o gozo que traria finalmente a quietude e a paz desejadas. Por isso o psicanalista MD Magno toma a pulsão de morte como dinâmica psíquica fundamental:

O importante no esquema que apresento é que o movimento libidinal não demanda senão o seu próprio desaparecimento. Em linguagem vulgar, ele pede a própria morte. Por isso, Freud o chamou pulsão “de morte”. Mas a palavra “morte” não é necessária aí, pois o que o movimento libidinal quer é extinguir-se, ter sumiço pleno, gozo

absoluto, paz para sempre, per *omnia secula seculorum*. Ora, extinguir-se não é possível, mas passar por outras vicissitudes sim. Então, retorna, continua requerendo o mesmo que requeria antes, e fracassando, eternamente. (MAGNO, 2004, p. 85)

Mas, *plot twist*: “o organismo pretende morrer apenas a seu modo” (FREUD, 2010, p. 150). De um modo *próprio*. Desejo de apropriação e de poder sobre a vida e a morte. Anuncia-se no *Além* um além. Um além de prazer e realidade. Além de vida e morte. Uma pulsão de poder, de apoderamento, de apropriação, de ascendência, de domínio. *Bemächtigungstrieb*. É ela que se expressa na brincadeira da criança – o neto de Freud –, na repetição compulsiva da traumática ausência da mãe. No *fort-da*, enviando para longe e puxando de volta a presença-ausência da mãe, “ele se achava numa situação passiva, foi atingido pela vivência e, ao repeti-la como jogo, embora fosse desprazerosa, assumiu um papel ativo” (FREUD, 2010, p. 129). É a pulsão de poder que, na repetição compulsiva dos sonhos traumáticos tenta reconstruir retrospectivamente as barreiras contra aquela invasão excessiva que se fez traumática. Sendo outra a temporalidade do inconsciente, não haverá “contradição” no ato de tentar construir amanhã as barreiras contra o traumatismo passado. É a pulsão de poder que, projetando-se num sujeito-suposto-poder produz e re-produz compulsivamente as dinâmicas de identificação que nos fazem repetir incansavelmente os “mesmos” papéis, nas “mesmas” cenas – apesar da (e por causa da) iterabilidade *différente* que (im)possibilita a repetição do mesmo, o re-encontro consigo mesmo do mesmo, e tornam os desvios tão acidentais quanto essenciais ao caminho.

Trata-se portanto de uma simples alusão, mas o que ela designa apela para a singularidade de uma pulsão que não se deixaria reduzir a nenhuma outra. E ela nos interessa tanto mais que, sendo irreduzível a nenhuma outra, parece tomar parte de todas as outras na medida em que toda a economia do PP e de seu além se regula por relações de “dominação”. Podemos assim, vislumbrar um privilégio quase transcendental dessa pulsão de dominação, pulsão de potência ou pulsão de ascendência [*pulsion d'emprise*]. Esta última denominação me parece preferível: ela marca melhor a relação ao outro, mesmo na tomada *de si*. Além disso, essa palavra se põe imediatamente em comunicação com o léxico do *dar*, do *tomar*, do *enviar*, ou do *destinar* que nos provoca aqui à distância e que nos ocupará em breve mais diretamente. A pulsão de ascendência deve ser também a *relação a si* da pulsão: não há pulsão que não seja levada a se ligar a si e a assegurar a dominação de si como pulsão. Daí a tautologia transcendental da pulsão de ascendência: é a pulsão como pulsão, a pulsão de pulsão, a pulsionalidade da pulsão. Trata-se uma vez mais de uma relação a si como relação ao outro, da auto-afeição de um *fort:da* que se dá, se toma, se envia, se destina, se afasta e se aproxima de seu próprio passo, do outro. (DERRIDA, 2007, p. 450)

Além da vida e da morte, além de prazer e desprazer, o poder. Restam ainda pouco exploradas as (im)possibilidades e (in)consequências dessa pulsão de poder indicada por Derrida como a mais fundamental no *Além*. Ela bagunça e relança, arquiva e retoma de outra maneira tudo o que até aqui pensamos a respeito da soberania, da sujeição, da propriedade, da identificação. Desde que consideremos que *desejo de poder* indica, revela, pressupõe um não-

poder, um ainda-não-poder, ou, mais ainda, um poder absolutamente impossível que não cessa de se projetar para além de todo o possível.

3. (In)hospitalidades

O *Eu* é assombrado pelo *Id*. Esse *Isso* pulsional que não cessa de exigir o gozo de uma potência impossível. “Muito mais seguro, numa Madrugada – encontrar um Fantasma Exterior – Do que – confrontar – um Interior”. Freud faz questão dessa distinção entre os fantasmas exteriores e os interiores. Apesar da desconstrução espaço temporal que complica toda suposição de “localização”, interior e exterior remetem a uma distinção operacional. É o que se diz “em primeiro lugar” sobre as pulsões no texto de 1915: “o estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo” (FREUD, 2014, p. 30). Isso significa que não se pode fugir d’*Isso*. *Isso* é inescapável. “Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela” (FREUD, 2014, p. 30). As fugas em relação ao estímulo pulsional são sempre labirínticas e, em última instância, fadadas ao fracasso. Não adianta tapar os olhos, o nariz, a boca, correr, ou chamar a polícia – embora, de um modo ou de outro, sigamos tentando empregar esses estranhos métodos (ou outros ainda mais estranhos).

Um desses métodos, que depende dessa distinção operacional entre o “interno” e o “externo” é justamente a *projeção*. Projetar no “outro” uma fantasia “nossa” é uma chance de ser acochado por um fantasma interno como se fosse externo. O que se ganha? Outro “como se” ... como se fosse externo é como se pudéssemos fugir dele. No anexo à carta a Fliess de 24 de Janeiro de 1895, mesmo ano em que os irmãos Lumière fariam a primeira *projeção* cinematográfica para uma audiência, Freud desenvolve o conceito de *projeção*. O princípio é o mesmo. Um espectro luminoso parte de trás da nossa visada consciente, daqui para lá, e sofremos com a impressão de que o trem está mesmo vindo de lá para cá. Em desespero, gritamos, corremos, paralisamos... *como se* se pudesse fugir desse trem – ou desse bonde chamado desejo. Assim, não sou eu que quero ser visto, não sou eu que quero agredir, não sou eu que quero poderes de gozo e o gozo de poderes os mais diversos, é “o outro” que me persegue, me vigia, me julga, me deseja. “Em cada um desses casos, a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, insuportavelmente aflitiva, é rechaçada para longe do ego”. (FREUD, 1986, p. 112)

“Muito mais seguro, através de uma Abadia – galopar – As Pedras em fuga – Do que Desarmado – encontrar Consigo Mesmo Num Ermo solitário – Nosso-Eu-mesmo – atrás do nosso-Eu-mesmo – escondido – Deveria assustar muito mais – Assassino escondido em Nossos Aposentos Seria dos Horrores o menor –”. O *Eu* é assombrado pelo *Isso*, esse *Eu-mesmo*

escondido atrás do nosso Eu-mesmo, marcando a divisão inconciliável do “sujeito”. *Isso* assombra, persegue, ronda. Derrida se detém sobre a expressão *es spukt*, repetida por Stirner e Marx em torno do espectral:

“*Es spukt*”: difícil de traduzir, dizíamos. Questão de aparição e de obsessão, certo, mas, o que mais? O idioma alemão parece nomear a retornância, mas ele a nomeia por meio de uma forma verbal. Esta não diz que há retornante, espectro, ou fantasma, ela não diz que há aparição, *der Spuk*, nem mesmo que isso aparece, mas que “isso espectra”, “isso apariciona”. Trata-se, na neutralidade dessa forma verbal completamente impessoal, de alguma coisa ou de alguém, nem alguém nem alguma coisa, de um “se” que não age. Trata-se antes do movimento passivo de uma apreensão, de uma experiência passiva pronta para acolher, mas onde? Dentro da cabeça? A cabeça, o que vem a ser isto antes dessa apreensão que ela nem mesmo pode conter? (DERRIDA, 1994, p. 228)

Isso ronda, isso espectra, isso obsidia. *Isso* não tem nenhum objetivo que não “a satisfação”, o gozo absoluto, a potência absoluta absolutamente impossível. Isso não tem nenhuma marcação moral. Isso não tem nenhuma noção de certo e de errado, de verdadeiro ou falso, Isso não tem nenhum compromisso com a “auto-”conservação desse corpo que dizemos nosso ou com a “auto-”imagem que tanto esforço se investiu para se construir para nós – ou para os outros. Isso não tem consideração pelos outros. Isso é, aliás, sempre “outro”, isso escapa, isso foge, isso transborda. Esse “Eu mesmo” escondido atrás do nosso “Eu mesmo” deveria assustar muito mais – e assusta. Assassino escondido em Nossos Aposentos Seria dos Horrores o menor.

Esse Eu, esse indivíduo vivo, seria habitado e invadido pelo seu próprio espectro. Ele seria constituído pelos espectros de que, de agora em diante, é hóspede e que ele reúne na comunidade obsidiada de um só corpo. Eu = fantasma. Portanto, “eu sou” queria dizer “eu sou obsidiado””: eu sou obsidiado por mim mesmo que sou... etc.). Em toda parte em que há Eu, *es spukt*, “isso obsidia”. (O idiomático desse “*es spukt!*” desempenha em todos esses textos, como em *Das Unheimliche* de Freud, um papel singular. Sua tradução fracassa sempre, infelizmente, em dar conta do elo entre a impessoalidade ou o quase anonimato de uma operação [*spuken*] sem ato, sem sujeito ou sem objeto reais, e a produção de uma figura, a da aparição [*der Spuk*]: não simplesmente “isso obsidia”, como acabamos de arriscar a tradução, mas, de preferência, “isso retorna”, “isso retornante”, “isso espectra”). O modo essencial da presença a si do cogito seria a obsessão desse “*es spukt*”. (...) Não se pode estender esta hipótese a todo cogito? O cogito cartesiano, o “eu penso” kantiano, o ego cogito fenomenológico?! (DERRIDA, 1994, p. 178)

Onde quer que se suponha aparecer um “Eu”, o “Eu” é hóspede de um *Isso* espectral. Esse *Anfitrião* mais frio. “*o Eu não é senhor em sua própria casa*” (FREUD, 2010a, p. 186). Estranha (an)arquitetura freudiana: assombrado pelos fantasmas pulsionais, o Eu tem de lidar com esses incômodos “hóspedes desconhecidos” (FREUD, 2010a, p. 184):

O Eu se sente mal, depara com limites a seu poder em sua própria casa, a psique. De repente surgem pensamentos que não se sabe de onde vêm; tampouco se tem como expulsá-los. Esses hóspedes desconhecidos parecem até mais poderosos do que os submetidos ao Eu; resistem a todos os meios coercivos da vontade, aprovados em muitas ocasiões, e permanecem imperturbados ante a refutação lógica, indiferentes ao desmentido da realidade. Ou ocorrem impulsos que parecem os de outro indivíduo, de modo que o Eu os renega, mas tem de recebê-los e tomar precauções contra eles (FREUD, 2010a, p. 184).

Mas esses hóspedes desconhecidos são mais poderosos que o Eu. Permanecem imperturbados ante a refutação lógica ou o desmentido da realidade. Eles comandam. *Plot twist*: os hóspedes são os anfitriões. A própria casa do Eu não é uma casa própria. É ele próprio o hóspede desses anfitriões espectrais mais frios.

Isso assombra. *Isso* assusta. “O Corpo – apanha um Revolver – Ele tranca a Porta, Desconsiderando um espectro superior Ou Mais –”. O corpo se defende contra *Isso*. Ou *Isso* se defende d’*Isso* mesmo. Ou: *Isso* se defende dos conflitos, que pre-nunciam (ou fazem retornar?) perdas, que re-lembram do Impossível inscrito no cerne do seu próprio movimento. *Isso* quer o Impossível. Para que seja possível seguir desejando o Impossível, o desejo se defende do Impossível, o Impossível se defende do possível. E *Isso*, não nos esqueçamos, passa pelo Corpo. Através das fixações gozosas – de prazer ou terror, de sensação ou sentido – A Fantasia de Satisfação absoluta se divide em *fantasias* mais desenhadas, conteudizadas. As tais *cenar* ou encenações que se farão repetir, para cada um, compulsivamente. Mas as fixações ou fantasias entram em conflito – umas com as outras, com as circunstâncias da realidade, com o Eu Ideal narcísico. O conflito remete à perda. A perda ao Impossível. É então que entra em cena o *recalque*, o revolver, a tranca na porta, que tenta editar a cena, cortar pedaços do filme, suprimir personagens, destruir cenários. O *Eu* se defende do *Isso*. Ele tenta se livrar desses hóspedes indesejados, mas sendo ele mesmo o hóspede, se tranca num quarto, tranca a porta e tenta se defender contra o anfitrião mais frio. “O Eu diz a si mesmo que se trata de uma doença, uma invasão estrangeira, e aumenta a vigilância, mas não pode entender por que se sente paralisado de maneira tão estranha” (FREUD, 2010a, p. 185). No texto *O Recalque*, é assim que a dinâmica é descrita:

O destino geral da ideia que representa o instinto [a pulsão] dificilmente será outro senão desaparecer do consciente, se antes era consciente, ou ser mantida fora da consciência, se estava a ponto de tornar-se consciente. A diferença já não é significativa; corresponde mais ou menos a saber se eu ordeno a um hóspede indesejável que se retire de minha sala ou do vestibulo, ou se, após tê-lo reconhecido, não permito sequer que ele pise a soleira da entrada. (FREUD, 2010b, p. 68)

Essa passagem nos remete a uma pequena, mas muito significativa nota de rodapé: “Esta imagem, aplicável ao processo de repressão [recalque], pode ser estendida também a uma característica já mencionada da repressão. Basta acrescentar que é preciso deixar um vigia

permanente junto à porta que foi proibida para o hóspede, senão este rejeitado a arrombaria” (FREUD, 2010b, p. 73). O pior é que esse hóspede indesejável, sendo pulsionalmente comovido (e não apenas um conteúdo estático), não permanece quieto atrás da porta fechada, nem muito menos desaparece. O anfitrião espectral mais frio não cessa de acoessar o Eu por trás da porta devidamente trancada. É preciso deixar um vigia permanente diante da porta, com um revólver em punho.

O Eu se defende do *Isso*, como se *Isso* viesse de fora, como se fosse o *Eu* o anfitrião e os fantasmas os hóspedes, mas ao fazê-lo desconsidera um espectro maior, *ou mais*. (traduz-se por vezes “*or more*” no final do poema de Dickinson por *ou pior*. “Ou pior”. “Mais, ainda”. Curiosamente os títulos dos seminários de Lacan de 1971-1973). Ou mais. Com o recalque, os fantasmas se multiplicam.

A representante do instinto se desenvolve de modo mais desimpedido e mais substancial quando é subtraída à influência consciente mediante a repressão. Ela prolifera como que no escuro, e acha formas de manifestação extremas, que, ao serem traduzidas e exibidas para o neurótico, não só lhe parecem inevitavelmente estranhas, mas também o assustam com a imagem de uma extraordinária e perigosa força instintual (FREUD, 2010b, p. 224).

Empurrados para o Inconsciente, os fantasmas pulsionais proliferam no escuro. Se eles não cruzam, então, a porta fortemente vigiada, eles dão a volta, escapam pelas janelas, pelas portas dos fundos, pelas rachaduras, pelas desatenções e se manifestam, se fazem aparecer – aparecionam – em sonhos, atos falhos ou sintomas. Aqueles sintomas que, por vezes de maneira extrema, nos assustam, parecem inevitavelmente estranhos, perigosos, e nos fazem sofrer.

O problema dos espectros é justamente que o próprio deles é *retornar, revir*. O recalcado sempre retorna. E nesse retorno, revelando toda a insuficiência da lógica binária tradicional, sofremos onde gozamos, algo em nós sofre enquanto o fantasma recalcado retornante goza:

Aqui, a própria possibilidade de uma especulação que não fosse nem filosófica nem científica no sentido clássico (o diabo para a ciência e para a filosofia) se abriria contudo para uma outra ciência ou para uma outra ficção; essa possibilidade especulativa supõe alguma coisa que se chama aqui Recalque, a saber, o que permite, por exemplo, que um prazer possa ser vivido e percebido como desprazer. (DERRIDA, 2007, p. 318)

O recalque é a “pedra angular” da psicanálise, diz Freud. A “pedra angular” dessa estranha (an)arquitectura que subverte todas as posições do hóspede e do anfitrião, da hospitalidade e da inospitalidade em geral. No penúltimo capítulo do seu *Desconstrução e Arquitetura*, Dirce Solis explora as ambivalências e aporias entre hospitalidade e hostilidade. Há toda uma “retórica da casa” na tradição ocidental que pensa o habitar “ligado à ideia de acolhimento, abrigo, conforto. (...) Habitar, portanto, está associado à ideia de bem-estar,

receptáculo onde o que prevalece é o *interior*”, enquanto o exterior seria “o lugar se não do inóspito, ao menos daquilo de certa forma *desconhecido*, o *estranho*” (SOLIS, 2009, p. 140).

A desconstrução, ao contrário, trabalha com o contexto ambivalente, analogia feita com a *banda de Moebius* onde avesso e direito, fora e dentro constituem um mesmo plano de superfície. Não há para a desconstrução estabilidade fechada, nem solo seguro. A instabilidade permeia todo o movimento. Em arquitetura, por exemplo, não só a simbologia das paredes é desconstruída, o próprio objeto arquitetônico (as paredes) também. A desconstrução, percorrendo uma outra trajetória, então, tentou aproximar o fora e o dentro, suprimindo a distância entre o familiar conhecido (dentro) e o estranho (fora). (SOLIS, 2009, p. 141).

Dirce Solis remete ao *unheimlich* freudiano para pensar essa arquitetura que desconstrói formas, funções, dentro e fora, habitabilidade e inospitalidade:

No texto de Freud em questão, a palavra *heimlich* é definida como “intimidade familiar”. Este mostra, então, como o “não familiar” se situa dentro do familiar, o “não caseiro”, dentro da casa, do doméstico, íntimo, amigável. Aquilo que, entretanto, sem estranheza, é ao mesmo tempo guardado, oculto, escondido, reservado. E é nesse contexto da casa simbólica que surgirá o *estranho*, o não familiar. (SOLIS, 2009, p. 149).

Não será sempre *unheimlich* a experiência de um *Eu* que não é o senhor em sua própria casa? A arquitetura dessa casa em que um *Eu* defensivo tenta manter longe os *hóspedes* indesejados, mas é ele mesmo, nessa casa que não é bem sua, o *hóspede* dos *anfitriões* espectrais mais frios? Quem é o hóspede, quem o hospedeiro? Quão habitável e quão inóspita é essa casa (mal)assombrada? Como nos lembra Dirce Solis:

A própria palavra “hospitalidade”, diz Derrida, vem do latim “*hospes*” que é formado de “*hostis*” (estranho) significando, também, o inimigo estranho (*hostilis*) ou estrangeiro. Derrida aprendeu com Benveniste que o estrangeiro (*hostis*) é ora acolhido como hóspede (*hôte*), ora como inimigo. (...) A hospitalidade combina, então, *hostis+pets* (*potis, potes, potentia*); indica poder. Há, assim, o hospedeiro, aquele que exerce o poder e recebe o estranho, o dono da casa digamos; e há o hóspede, aquele que é recebido. (SOLIS, 2009, p. 153).

Questão de *poder*, portanto. *Bemächtigungstrieb*. Quem manda? Quem domina? Quem é o senhor de uma casa mal-assombrada por tantos espectros? Será o *Eu* mais um espectro entre espectros, julgando-se ele próprio não-espectral? Será o *Eu* uma *legião* de espectros? Quem pode determinar as regras de convivência dessa estranha casa? Quem pode estabelecer as regras para receber hóspedes estrangeiros?

Como diz Neusa Santos Souza no belíssimo texto *O Estrangeiro: Nossa condição*, estrangeiros somos nós:

O estrangeiro, diz o senso comum, é o outro. Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar. O estrangeiro é o outro do familiar, o estranho; o outro do conhecido, o desconhecido; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte. Para a

psicanálise, o estrangeiro é o eu. O eu, não tomado como o quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo – mas o eu pensado em sua condição paradoxal – dividido, discordante, diferente de si mesmo – tal como, de uma vez por todas, o poeta nos ensinou: “Eu é um outro”. O eu, sua verdade é sua divisão. Uma divisão permanente, irreduzível. Divisão, e não síntese; outro, e não o mesmo, é assim que a psicanálise pensa o eu, esse estrangeiro, esse outro que somos nós. (SOUZA, 1998, p. 155)

Mas Neusa Santos continua:

Esse estrangeiro que, desde sempre, vive em nossa casa, é o que há de mais exterior e íntimo, de mais estranho e familiar. Sendo o mais opaco, o mais escondido, é, ao mesmo tempo, o mais estranho e o mais interior. O mais íntimo não se conjuga com a transparência – ao contrário, ele se diz no mesmo sentido que a opacidade. É capaz de suscitar angústia e horror justamente porque nos concerne, convive conosco, e por estar tão em nós, tão escondido em nós, se perde aí – tal qual um bem precioso que, de tão bem guardado se perde. Perdido, o estrangeiro retorna, e retornando como fato bruto destituído de forma, nos confronta com a distância, com o longínquo, com o informe, nos fazendo experimentar a estranha presença daquilo que antes nos fora familiar. (SOUZA, 1998, p. 156)

Aqui são as fantasias recalçadas esse mais íntimo, mais próprio, que pela dinâmica do recalque se torna o mais longínquo e estrangeiro. Um estrangeiro que, no entanto, *retorna, revém*, não cessa de revir e retornar produzindo o maior estranhamento a partir do mais familiar.

Quem é o senhor dessa estranha casa? Quem é, afinal, o proprietário? Mas e se o mais próprio for justamente o desejo de propriedade ou apropriação? E se o poder soberano nesse pequeno *oikos*, nessa economia (in)familiar, for justamente a pulsão de poder? A pulsão de poder, o anfitrião mais frio. A pulsão de poder, o hóspede mais estranho. A pulsão de poder, o familiar mais íntimo. A pulsão de poder, o mais longínquo estrangeiro. Pulsão fantasmática de um poder impossível. O que se projeta para cada um, nas telas ou paredes dessa estranha casa, como cena de poder? E o quanto o texto de Freud deixa ainda escapar uma certa cena em que o poder cabe – ou deveria caber – ao *senhor*? O homem da casa. O *don* desse *domus* dominando essa cena doméstica. O dono *da* casa, a dona *de* casa, os senhores, seus herdeiros e os servos/escravos: propriamente uma *família*. Mas, quantos estranhamentos vazam pelas diferenças de posição nessa cena familiar?

4. Considerações finais

O tempo está disjuncto. Passado, presente, futuro: *quando* “é” o espectro? Ouçamos novamente a voz espectral de Emily Dickinson:

A Memória tem Frente e Fundos -
Mais ou menos como uma Casa -
Ela tem um Sótão também

Para os Restos e os Ratos.

Além do Porão mais fundo
Que Pedreiro algum jamais construiu -
Vigiemos para que por suas Profundezas
Não sejamos perseguidos –¹²³

No recém-lançado *Memory Assemblages* (2024), Hilan Bensusan articula as noções derridianas de *espectralidade* e *arquivo* para pensar um *pan-mnemismo*: um *realismo espectral* segundo o qual a própria estrutura do real é feita de retenções – arquivamentos – e recuperações (do arquivado). Ambos os processos, retenção e recuperação são atravessados por um processo de *adição*. Na retenção algo é adicionado ao passado – e a um futuro ao qual se destina. Na recuperação algo se adiciona a esse passado – ao mesmo tempo em que algo desse passado, ao ser recuperado, se adiciona ao presente em função de um novo processo de arquivamento e de um porvir futuro. Como esclarece Bensusan, a inspiração para essa noção de *adição* não é a matemática, mas a química (BENSUSAN, 2024, p. 20-21). A diferença fundamental entre as duas é a irreversibilidade. A “flecha do tempo”, como se diz. Numa operação matemática, o adicionado é reversível. Basta que se faça uma subtração do mesmo valor que o adicionado e retornamos ao estado original. Numa adição química, há mistura, interação, transformação. E uma vez que ocorre a interação, o processo é irreversível: não se consegue subtrair o adicionado e retornar a um estado anterior pré-adição.

Nessa realidade pan-mnêmica, o passado é espectral, pois só vem a existir em função de uma recuperação e de um porvir. O futuro é espectral pois só pode vir a existir em função dos arquivos a ele destinados. Nas retenções e recuperações, passado e futuro assombra-se mutuamente, adicionam elementos um ao outro. O presente, por sua vez, é espectral pois só existe em função desses arquivos e porvires que se entrelaçam em intrincadas redes de retenção e recuperação – *agenciamentos de memória*. Mais do que *existir* em algum presente, os espectros *insistem*.

Em um agenciamento de memória, tanto o que é colocado em retenção quanto o que é recuperado são espectrais. O que é armazenado é órfão, incompleto, pois nada pode caber no arquivo em sua totalidade — o mundo não pode ser contido em um mapa útil. Nenhuma representação, se atuar como um arquivo, pode aspirar a mais do que suficiência; uma representação é como um *revenant*, já que o que está em retenção depende das adições futuros. Além disso, as adições que acionam e realizam a recuperação também são deiscenciais; dependem de um acoplamento com o que está em retenção para agir. Eles não podem prefigurar o que está em retenção, nem serem prefigurados por ela — um agenciamento de memória é um acoplamento *hauntológico* em que ambos os elementos são espectrais. O que é colocado em

¹²³ Tradução minha do original: Remembrance has a Rear and Front - / 'Tis something like a House - / It has a Garret also / For Refuse and the Mouse. / Besides the deepest Cellar / That ever Mason laid - / Look to it by its Fathoms / Ourselves be not pursued -

retenção pode retornar, enquanto o que promove a recuperação apenas agita o passado armazenado. Por isso, não podemos exorcizar completamente a capacidade das memórias de assombrar; o passado só pode ser enterrado em agenciamentos de memória. Como as lembranças, os espectros insistem mais do que existem; eles não são permanentes, e sua intermitência depende do que o futuro conjura. O sentido em que memórias e espectros são imortais não é o de uma continuidade da vida em outro lugar, nem o de uma presença eterna, mas o de uma possibilidade interminável de retorno. Esse retorno, entretanto, é imprevisivelmente diferente em forma; nada é estável com essas aparições distintas. Ainda assim, um espectro retorna de uma maneira que depende de acréscimos e, portanto, não persiste como uma presença, mas exibe uma intermitência que desafia o reconhecimento – é aqui que memória e imaginação parecem se fundir e os começos tornam-se elusivos. A imortalidade de um item de memória ou de um espectro reside na continuidade da insistência (intermitente) das adições. (BENSUSAN, 2024, p. 108)

Para essa “*hauntology*”, Hilan Bensusan sugere a tradução *rondologia*. O pulsional ronda. As fantasias rondam. As fantasias recalçadas não cessam de nos assombrar. O arquivado não cessa de insistir. Não se pode “exorcizar completamente a capacidade das memórias de assombrar”. Não há vigilância superegoica capaz de impedir que sejamos perseguidos, apossados e assombrados pelos fantasmas das profundezas da memória. A hipervigilância superegoica, aliás, não tarda a se tornar ela própria mais uma insistência fantasmal que ronda e assombra. Quem vigia, quem é vigiado?

Se o real é fantasmal talvez se trate de abandonar os projetos exorcísticos. Talvez se trate mesmo de repensar as dinâmicas da con-vivência numa “comunidade dos espectros” (Romandini, 2012) – que, entenda-se, resiste a per-fazer qualquer comum-idade. Como lembra Alice Casimiro Lopes: “Os movimentos singulares do diferir, uma vez articulados, constituem discursos e quase-comunidades (...) – comunidades sem uma propriedade em comum, sem fraternidade, sempre em vir a ser” (LOPES, 2018, p. 90).

Nessa dinâmica espectral

Como, de um destino ou determinação dados, é possível afirmar a ventura como sua e transformá-la em arte? (...) Não adianta avaliar o que se é hoje segundo os parâmetros do que se seria, não tivesse acontecido isso ou aquilo ou porque aconteceu isso ou aquilo. O dado lançado que cai mostrando uma face é o conjunto de todas as determinações e contingências do lance, indiferenciadas pela condenação de que só há jogo. Estamos sempre só-depois de um acontecido qualquer, premidos a dar-lhe destinação através do que podemos fazer aqui e agora. (MEDEIROS, 2006, p. 238)

Com um pequeno *twist* na formulação, talvez não se trate tanto do que “podemos fazer”, mas de nos disponibilizarmos para a experimentação e a descoberta em torno da questão: *o que podem fazer os espectros que nos assombram?* A que podem se destinar? Em seus diversos possíveis agenciamentos, alguns talvez possam fazer alguma arte. Alguns talvez saibam dançar. Alguns talvez escrevam poesia. Ou talvez textos filosóficos sobre assombrações espectrais. Talvez....:

O *talvez* não apenas vem antes de um conhecimento ou uma investigação, como os possibilita, pois é o *talvez* do que permanece a ser pensado, feito, vivido, a ser inventado (...). Desse modo, o *talvez* é uma referência à abertura ao outro, à obrigatória relação com o outro, pois toda decisão é uma decisão diante do outro e (me) acontece (...). O *talvez* é também uma forma de conectar o acontecimento simultaneamente à experiência do possível e do impossível. Se o acontecimento é o inantecipável (...), é um possível não programado de antemão, o *talvez* está conectado à aceitação do acontecimento como invenção do impossível. O *talvez* diz *sim* ao acontecimento, à possibilidade de disrupção, ao deslocamento. (LOPES, 2018, p. 110-111)

Referências

- BENSUSAN, Hilan. *Memory Assemblages*. London: Bloomsbury, 2024
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *O Cartão Postal de Sócrates a Freud e Além*. Tradução de Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Estudos ético-políticos sobre Derrida*. Rio de Janeiro: Mauad/PUC-Rio, 2020.
- FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904, organizada por Jeffrey Moussaieff Masson; tradução de Vera Ribeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. *Além do Princípio do Prazer*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Uma dificuldade da Psicanálise*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010a.
- _____. *O Recalque*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010b.
- _____. *As pulsões e seus destinos*. Tradução de Paulo Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *A Lógica do Fantasma (Seminário 1966-1967)*. Tradução de Letícia Fonseca. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.
- LOPES, Alice Casimiro. Sobre a decisão política em terreno indecidível. In: LOPES; SISCAR. *Pensando a Política com Derrida: responsabilidade, tradução, porvir*. São Paulo: Cortez, 2018.
- MAGNO, MD. *A Psicanálise, NovaMente*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

MARTIN, Wendy. *The Cambridge introduction to Emily Dickinson*. New York: Cambridge University Press, 2007.

MEDEIROS, Nelma. *A obscena senhora estamira*. *Lumina*, Juiz de Fora-MG, v. 6, n. 1/2, p. 235-240, 2006.

PLATÃO. *O Banquete* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril, 1979.

ROMANDINI, Fabián Ludueña. *A comunidade dos espectros. I. Antropotecnia*. Tradutores Alexandre Nodari e Leonardo D'Ávila de Oliveira. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.

SOLIS, Dirce Eleonora. *Desconstrução e Arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Uapê / SEAF, 2009.

_____. Jacques Derrida e a frequentação dos espectros. In: HADDOCK-LOBO, R.; RODRIGUES, C.; SERRA, A.; AMITRANO, G.; RODRIGUES, F.; *Heranças de Derrida: da ética à política*. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. *O Estrangeiro: nossa condição*. In: KOLTAI, C. (Org.). *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.

VENDLER, Helen. *Poets Thinking*. London: Harvard University Press, 2004.

WARDROP, Daneen. *Emily Dickinson's Gothic: Goblin with a Gauge*. Iowa: University of Iowa Press, 1996.